



OURO E CINZA

Paulo Varela Gomes

OURO E CINZA

CRÓNICAS 2002-2012



LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIV

© 2014, Paulo Varela Gomes
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Ouro e Cinza — Crónicas 2002-2012*
Autor: Paulo Varela Gomes
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Julho de 2014

ISBN: 978-989-671-223-5
Depósito Legal n.º 377 650/14

ÍNDICE

BICHOS

Quintas e domingos • 15

Público, Outubro de 2009

Conto de Natal • 17

Público, Dezembro de 2008

Corvos • 19

Público, Janeiro de 2008

Espécies • 21

Público, Junho de 2009

Esta grande chatice • 23

Público, Fevereiro de 2008

Felicidade • 25

Público, Setembro de 2011

Mus musculus brevisrostris • 27

Público, Novembro de 2010

Sabonetes de pedra • 29

Os Meus Livros, data incerta (2002-2004)

Morrer com um touro • 33

Público, Fevereiro de 2010

Vadios • 35

Público, Março de 2011

COM OS OLHOS

A verdade do sangue • 39

Público, Outubro de 2011

Apolo e Batman • 41

Público, Maio de 2010

Aura • 43

Público, Fevereiro de 2011

Retratos • 45

Público, Maio de 2011

Harmonia • 49

Público, Julho de 2011

Hotel • 51

Público, Fevereiro de 2011

A luz • 53

Público, Maio de 2011

Estive no passado — e funciona! • 55

Público, Outubro de 2009

Piscinas • 57

Público, Abril de 2010

Romantismo • 59

Público, Fevereiro de 2010

ESTE PAÍS

Apocalipse: a chuva • 63

Público, Janeiro de 2010

A estrada • 65

Público, Agosto de 2011

A minha Espanha • 67

Público, Julho de 2008

Do assassinato • 69

Público, Maio de 2011

Fastigimia • 71

Público, Junho de 2010

A incendiária • 75

Os Meus Livros, Verão de 2003

Japoneses • 79

Público, Julho de 2011

Macadame • 81

Público, Dezembro de 2010

Mas duvido • 83

Público, Setembro de 2010

Os incêndios do regime • 85

Público, Agosto de 2005

Quelhas • 89

Público, Novembro de 2010

Recursos naturais • 91

Público, Agosto de 2008

Rodas de Viriato • 93

Público, Dezembro de 2009

Um país lindo • 95

Público, Dezembro de 2009

Vai desejar? • 97

Público, Julho de 2010

With the bloody others! • 99

Público, Agosto de 2011

INDIANAS

Pedder Road • 103

Público, Janeiro de 2008

O amor da Índia • 105

Contextos, revista do Movimento Católico de Estudantes, Maio de 2005

Ricksbarwalla • 111

Público, Maio de 2010

O caminho *hippie* • 113

Público, Novembro de 2008

O Livro Sagrado • 115

Público, Fevereiro de 2008

O ópio do povo • 117

Público, Abril de 2009

Totally-wood • 119

Público, Maio de 2008

O sabor das mangas • 121

Público, Maio de 2008

Progresso • 123

Público, Julho de 2009

Trópicos • 125

Público, Junho de 2009

Duas monções • 127

Público, Junho de 2009

Vi o futuro • 131

Público, Março de 2008

Xenofobia • 133

Público, Julho de 2009

«Unrest» • 135

Público, Outubro de 2008

Shimla • 137

Público, Julho de 2009

Suja cidade dos sonhos • 139

Público, Agosto de 2011

Amor em duas rodas • 141

Público, Março de 2008

Hope • 143

Público, Março de 2009

A ideia da Índia • 145

Público, Agosto de 2008

Leopold • 147

Público, Novembro de 2008

Taj • 151

Público, Dezembro de 2008

História de paciência • 153

Público, Dezembro de 2008

Macaulay • 155

Público, Março de 2009

Desencontro • 157

Público, Dezembro de 2008

Diferença e atraso • 159

Público, Novembro de 2008

Apagada fúria • 163

Público, Fevereiro de 2009

Herança • 165

Público, Maio de 2009

Bronze • 167

Público, Março de 2009

Adeus Goa • 171

Público, Agosto de 2009

Pátria incerta • 173

Público, Janeiro de 2008

O oratório • 175

Público, Agosto de 2009

Clube Harmonia • 177

Público, Setembro de 2008

Mário Miranda • 179

Público, Dezembro de 2011

Adeus Índia • 181

Público, Agosto de 2009

O CAMPO

Marfalo • 185

Público, Outubro de 2009

Pinhal interior • 189

Público, Dezembro de 2008

Alentejo • 191

Público, Fevereiro de 2012

Cores • 193

Público, Maio de 2010

Cortina • 195

Público, Maio de 2010

Fantasma • 197

Público, Julho de 2010

O tempo das favas • 199

Público, Dezembro de 2010

Moscovo e Hong Kong • 201

Público, Fevereiro de 2011

Parecer bem • 203

Público, Novembro de 2011

Redes sociais • 205

Público, Março de 2011

O TEMPO

O fim dos tempos • 209

Público, Agosto de 2008

Elogio fúnebre • 211

Público, Abril de 2008

Marco padrão • 213

Público, Novembro de 2009

Comunidades • 215

Público, Outubro de 2010

Teoria do valor • 217

Público, Julho de 2008

Exílio • 219

Público, Março de 2009

Os mestres • 221

Público, Fevereiro de 2010

Prótese • 223

Público, Outubro de 2010

Preto-e-branco • 225

Público, Novembro de 2010

Pormenores • 227

Público, Novembro de 2011

Terras de praia • 231

Público, Junho de 2008

Baixa intensidade • 233

Público, Março de 2010

Silêncio • 237

Público, Novembro de 2011

Tempos mortos • 239

Público, Dezembro de 2011

Terra damnata • 241

Público, Outubro de 2011

Virose • 243

Público, Agosto de 2010

Emilio Salgari • 245

Revista *Pública* (suplemento do *Público*),

Abril de 2007

A grande maioria das crónicas que aqui se publicam corresponde à coluna que mantive no *Público* em 2008 e 2009, enquanto residia em Goa como delegado da Fundação Oriente («Cartas de Cá»), e à coluna que publiquei nesse jornal desde Outubro de 2009 até ao início de 2012 («Cartas do Interior»). Seleccionei ainda outros textos, de maior extensão, escritos também para o *Público*.

Esta colectânea contém ainda dois textos que foram publicados na revista *Os Meus Livros*, quando esta era dirigida por Tereza Coelho, que me convidou a manter aí uma coluna regular entre 2002 e 2004 («Crónicas de Um Pessimista»). E um texto publicado na revista *Comtexto* do Movimento Católico de Estudantes.

Decidi não apresentar os textos seguindo a ordem cronológica pela qual foram publicados, mas de acordo com afinidades instintivas, de que a leitora e o leitor poderão ou não aperceber-se. Além disso, introduzi por vezes alterações, quase todas destinadas a tornar a leitura mais fluida.

BICHOS

QUINTAS E DOMINGOS

Em Portugal, existem cerca de trezentos mil homens (são praticamente todos homens) que, às quintas e domingos, entre Agosto e Fevereiro, saem pelos campos para matar animais. Imaginemos que um deus vingativo decretava que, nessas mesmas quintas e domingos, era permitido a outros homens caçar os caçadores. Imaginemos portanto que um destes caçadores de caçadores escrevia a seguinte página de diário:

«Acertei-lhe na omoplata. Costumo apontar para o ventre, porque o recuo da arma às vezes faz com o que o tiro lhes esfacele a cabeça e depois não me servem para nada (pois: gosto de ter as cabeças embalsamadas na sala, é cada um com a sua mania e esta é a minha). Deu uma espécie de guincho agudo quando o tiro lhe acertou. Muitos caem sem fazer barulho, mas eu prefiro sentir que acertei, dá mais pica. Os cães saltaram de trás de mim e foram por ali abaixo numa barulheira desenfreada, as narinas esbugalhadas com o cheiro a sangue. Estava deitado de lado a rebolar-se para aqui e para ali, a espingarda caída, um braço levantado com a mão a acenar. Tinha graça, parecia que estava a chamar um táxi. Gemia qualquer coisa, não percebi, talvez fosse: «Mãe, mãe...». Os cães ferraram-lhe o braço ferido e também uma das pernas e começaram a arrastá-lo. Foi uma carga de trabalhos para os afastar dali, já com pedaços de carne e de camuflado metidos nos dentes. As gemidelas dele começaram a chatear-me, é melhor quando

consigo matá-los à primeira, fazem menos barulho e confusão, e não fica a cabeça estragada com terra, folhas e sangue de andarem a esfregar-se por causa das dores. Ainda por cima, ter de lhes cortar o pescoço com a faca é uma porcaria, sangram mais que javalis. Foi então que reparei que havia uma criança acorada ao lado dele na moita. É raro virem caçar com crianças. O miúdo tremia todo e estava de bruços, a cabeça praticamente enfiada no chão. Podia ter-lhe acertado mesmo na espinha e pronto, mas acho uma estupidez matar crianças, depois não crescem e ficamos com menos peças para abater. O melhor é deixá-los procriar. Dei um pontapé no miúdo e mandei-o embora, foi-se a correr, aos tropeções contra os ramos, chorava como um desalmado. Aquilo devia ser medo, mas passa-lhes depressa. Acabei com o caçador com um golpe na garganta, ficou tudo sujo mas a cabeça era boa. Não foi mau domingo. Consegui um abate, estava-se bem, não chovia nem fazia muito frio, o ar puro e o exercício abriram-me o apetite para o almoço. Na quinta-feira não posso vir, mas no próximo domingo estou aqui caído outra vez.»

Os caçadores não matam animais por necessidade, mas por prazer, e não sentem qualquer empatia em relação ao sofrimento que causam, em relação à dor, ao susto, à agonia. A caça será um dia encarada com o mesmo espanto com que hoje olhamos para coisas horríveis que a humanidade fazia antigamente, como as execuções públicas, a tortura pública ou o tráfico de escravos, mas hoje é designada «desporto» e a maior parte das pessoas acha que não tem mal nenhum.

CONTO DE NATAL

Os empregados dos restaurantes das praias de Goa habituaram-se a não enxotar os cães vadios que rondam as mesas à procura de comida e mimos. Não têm outro remédio: os turistas zangam-se quando vêem maltratar animais. Esta convivência é frágil, bem entendido. Acaba quando acaba a estação. Muitas vezes acaba quando acaba o dia. Mas enquanto dura, cães e pessoas vivem razoavelmente bem uns com os outros.

Assim estava a Marineta. Demos-lhe este nome um bocado ridículo, eu e a Patrícia, minha mulher, porque a cadela é um bicho ponta acima, ponta abaixo, cheia de ossos fora de sítio, doce e simpática como se não soubesse que é vadia. Além disso, estava tão grávida que parecia a carreira regular de Margão.

No dia 24 de Dezembro, já o sol se ia a pôr no mar, a Marineta começou a andar por entre as mesas do restaurante onde estávamos de maneira desatinada e urgente. Percebemos que procurava sítio onde parir. É cadela sem experiência e tino, não tinha preparado nada convenientemente. Acabou por se refugiar nuns arbustos onde pensou que estava ao abrigo do sol, da noite e dos corvos. Daí a bocado ouvimo-la ganir. Fomos ver e tinha nascido um cachorro.

E foi então que aconteceu outra vez o suave milagre a que já assisti frequentemente, sempre incrédulo como se estivesse na ombreira de outro mundo: a cadela escolheu a Patrícia. Veio

chamá-la à mesa com latidos breves e acertados. Levou-a ao seu refúgio precário. E a Patrícia pegou no cachorro. Fomos os três, eu, ela, a Marineta, para um sítio melhor, mais abrigado, desta vez escolhido por nós. E aí, de cada vez que sentia virem as contracções, a Marineta saía do canto onde estava, vinha chamar a Patrícia e esta assistia ao parto, massajando-lhe o ventre. Nasceram assim 5 cachorros na noite de Natal que começava.

E terminou para nós mais uma vez a aparente simplicidade do amor.

Como acontece a tantas e tantas pessoas que sabem o que significam os animais, percebemos logo que a Marineta e nós tínhamos arranjado uma situação muito difícil. Não podemos levar a cadela e os cachorros para a casa onde vivemos agora. Não é esse género de casa. Por outro lado, deixar a cadela e os 5 cachorros no restaurante seria condená-los a uma morte certa.

A minha senhora dos bichos, de alma devastada, decidiu o que era preciso fazer e pediu-me que a ajudasse. Fui despejar no lixo um balde grande de plástico enquanto o jantar da consoada começava ali ao lado, à luz de uma fogueira feliz. Nesse balde, a Patrícia afogou quatro dos cinco cachorros, quatro dos cinco inocentes, para que um pudesse sobreviver. Foi esse o acordo prévio a que chegámos com os empregados do restaurante.

A Marineta e o seu cachorro primogénito amanheceram no dia de Natal de 2008. Vimo-la andar no meio das mesas parecendo procurar os filhos que perdeu, pensa ela que nos arbustos e na noite.

Chamámos Menino ao cachorro que sobreviveu, mas havemos de pensar num nome talvez mais apropriado quando a tristeza e o peso da noite se nos forem do coração.

CORVOS

Há uns seis ou sete anos, quando cheguei a Portugal vindo daqui, tinha uma espécie de alucinações olfactivas, julgando de vez em quando experimentar os cheiros da Índia, a humidade quase enjoativa, os vegetais molhados em ar saturado e denso. Apareciam-me então na memória os campos de arroz de Goa, as barraquinhas de venda de suco de cana à beira das estradas, a cor dos coqueiros acetinados pela chuva. O olfacto fazia-me regressar à Índia. Foi só bastante depois que ouvi os corvos. Não dei logo por eles quando fui viver para o campo. Durante anos, os agricultores mataram-nos sistematicamente e só há pouco tempo começaram a povoar as serras e os pinhais portugueses. Mas houve uma manhã em que acordei porque os ouvi a grasnar lá fora. Era um bando que depois soube ser composto por exactamente nove aves. Esvoaçavam sob a janela do meu quarto, em volta do grande pinheiro manso que aí se ergue, à procura dos pinhões que comem sofregamente depois de fazerem cair as pinhas e de partirem as cascas com misteriosa habilidade.

Na Índia, o grasnar dos corvos acompanha-nos desde o romper da primeira luz do dia por cima dos telhados e das árvores até depois do escurecer, quando os pássaros finalmente se acalmam pousados aos milhares nos coqueiros e nas casas. Ao ouvi-los, ali entre a vinha e o pinhal, no silêncio cintilante do Verão, quis de repente voltar para a Índia.

ESPÉCIES

Nas últimas semanas, um corvo começou a vir à minha varanda em Goa pedir comida. Vem todos os dias, cada vez mais confiante. Sabe que não precisa de grasnar muito alto para chamar a nossa atenção. Senta-se e olha. Não se assusta com os nossos gestos e movimentos. Parece gostar de ouvir a nossa voz e talvez não se importe com o nome que inventámos para ele em lembrança do Santo patrono de Lisboa: Vicente. Ainda não nos vem comer à mão, mas esvoaça tranquilamente até ao balcão da cozinha, já que todas as janelas estão sempre abertas para ele e para o ar. Começa até a reclamar direitos exclusivos sobre a varanda, movendo agressivamente as asas para os outros corvos do mesmo bando que querem pousar nas costas das cadeiras de verga.

Quando comecei a vir à Índia, os animais não me interessavam e foi aqui que sucedeu aquele imperceptível deslizar da consciência que experimentam todos os que começam a gostar de bichos, uma espécie de iluminação (é como se houvesse uma porta no nosso coração que irremediavelmente se abre). Há anos, os nove buliçosos corvos do meu pinheiro manso beirão fizeram-me sentir saudades da Índia porque a sua energia viva criou um laço de inesperada ternura com a minha memória de outros corvos, indianos esses, mas igualmente inventivos e nervosos.

Hoje é também um corvo, este a quem chamamos Vicente, que me transporta o espírito recordando-me a chuva miudinha do Inverno ou a brisa dourada das tardes de Primavera, o latido desperto dos cães na curva do caminho, a linha alongada e gentil do telhado no fundo do vale que os seus nove irmãos de espécie sobrevoam todos os dias, aí tão longe.

Alguém que eu conheço viu uma noite em Londres, no cais oposto da silenciosa estação onde esperava um comboio, uma raposa. Soube depois que as raposas vêm com cada vez mais frequência ao interior das grandes cidades inglesas. Chamam-lhes «raposas urbanas». Procuram comida e, quem sabe?, entretenimento. Não atacam pessoas porque são muito pequenas, mas outros animais têm mais porte e são menos esquisitos em matéria de dieta: na Índia é muito conhecida a história das «Viúvas dos Tigres», mulheres de algumas ilhas do delta do Ganges cujos maridos foram devorados por tigres, um tema ao qual Amitav Gosh dedicou páginas poderosas do seu *The Hungry Tide*. Trata-se de centenas de vítimas por ano, pescadores e recolectores de madeira ou de outros recursos da floresta e da água.

Se a presença das raposas em Londres pode ser encarada como uma curiosidade, na Índia leva-se terminalmente a sério o problema das relações entre os humanos e outras espécies. Primeiro, por causa da abundância, beleza, importância religiosa e simbólica de algumas dessas espécies: o tigre, o elefante, o rinoceronte indiano, o leopardo. Depois, por causa da explosão populacional e da extensão em mancha de óleo do *habitat* urbano (uma catástrofe ambiental de proporções que ninguém se atreve a avaliar com precisão), que provocam a perturbação de muitos animais. No delta do Ganges, os tigres aparecem cada vez mais na orla dos

povoados e têm cada vez menos medo (ou mais fome), porque há cada vez mais humanos, cada vez menos floresta e portanto menos veados e outros animais que os tigres caçam. Em Goa e em Karnataka, a destruição de vastas áreas de floresta pela indústria mineira torna frequente o aparecimento de leopardos nas zonas povoadas: atacam os cães de guarda, comem animais domésticos. Em todas as grandes cidades, bandos de macacos desprovidos de matas pelos *bulldozers* aparecem em áreas que os humanos acham que são primordialmente deles.

Este confronto entre espécies, a humana e as outras (é disso que se trata), provocado pela ocupação do planeta pelos humanos, tem dado ocasião, na Índia, a episódios de assinalável cautela. Por exemplo: há regiões do norte da Índia nas quais algumas estradas são fechadas à noite ou onde equipas especiais monitoram a circulação de comboios em certas linhas para permitir que os elefantes circulem à vontade. Há um projecto para construir *flyovers* para elefantes sobre auto-estradas, provavelmente inspirado em obras que existem em vários países europeus para salvar animais desses matadouros em que as estradas se transformaram por causa da velocidade e densidade do tráfego. De cada vez que vejo um bicho agonizante numa berma, penso que o horror é precisamente aquilo: morrer à beira da estrada, contorcido de dores, sem compreender, completamente só.

Foi na Índia que aprendi a prestar atenção aos bichos, à sua alegria, ao seu sofrimento. É a Índia que todos os dias, em condições terríveis, me recorda que pertenço a uma espécie entre outras, apenas isso, nada mais.

ESTA GRANDE CHATICE

Às vezes são crianças pedintes, outras vezes cães abandonados ou vadios. Os miúdos batem-nos à janela do carro num semáforo e tentam vender-nos uma revista ou lavar-nos o pára-brisas. Há aqueles que sorriem com uma escandalosa alegria. Outros olham para nós sem perdão. As raparigas trazem quase sempre uma criança mais pequena ao colo e têm já a indiferença magoada de quem foi condenado a uma pena perpétua. Os cães que passam, aquele desesperado para aqui e para ali à procura do dono que fugiu talvez há muito tempo, o outro, vagaroso, cheio de dores, em busca de um sítio onde morrer em silêncio, olham através de nós para a vida que nunca tiveram. Têm cores pardas e vivem nos cruzamentos. Reconhecemos nos olhos das crianças e dos cães coisas que já sentimos ou podíamos sentir: cansaço, desorientação, ansiedade, uma indiferença calcinada. Temos mais dificuldade em perceber o que sentem outros habitantes infelizes da cidade: os pássaros assustados que voam entre a rua e os seus ninhos precários nos terraços, os pombos sujos das sarjetas, os ratos que se esgueiram furtivamente entre caixotes de papelão para levar comida aos filhos. De entre todos, só as crianças e os cães têm olhos que podem fazer baixar os nossos. Estamos imunizados em relação aos pedintes adultos da espécie humana. Há muito tempo que são precisos efeitos especiais para que suscitem a nossa atenção, para já não falar da nossa piedade: malformações

genéticas ou auto-infligidas, vestígios de doenças, o pequeno cartaz ou panfleto explicativo com referência a tragédias pessoais ou colectivas. As crianças e os cães, todavia, não conseguem articular o seu desespero em forma de um discurso qualquer que o torne suportável para eles e para nós: o pedido de auxílio, o protesto, o insulto. Essa inocência ou silêncio torna mais difícil — muito mais difícil — o nosso encontro com a miúda dobrada ao peso sufocante de seis anos de miséria, ou o cão que não consegue compreender, no barulho infernal da rua, porque é que ninguém lhe faz uma festa.

Uma vez, no Rio de Janeiro, passei por um miudito deitado numa sarjeta seca de uma curva muito apertada. Os carros passavam-lhe as rodas rente à cabeça, um após outro. Ninguém fazia menção de parar. Dobrei-me para ele e reparei que chorava convulsivamente. Tirei-o da rua a custo. O patrão tinha-o mandado fazer um pagamento mas tinha sido assaltado. Estava ali à mercê da sorte. Não sabia se queria morrer, mas também não sabia como continuar a viver.

Às vezes gostaria de andar com uma camioneta muito grande a recolher todas as crianças, cães e outros seres vivos vadios que não sabem falar. Depois levava-os todos para as Maldivas, os Açores ou Madagáscar, que sempre é maior, e deixava-os à solta sem trabalho nem escola, sem horários e sem regras de trânsito, sem donos e sem patrões, para que andassem no mar e nos bosques. Fá-lo-ia apesar de saber que um dia alguma coisa haveria de correr drasticamente mal e Deus teria de correr com eles, recomeçando esta grande chatice toda outra vez.

FELICIDADE

As afinidades íntimas só são partilháveis com quem já as experimentou. Quem nunca sentiu a paixão não pode jamais compreender o que experimenta um apaixonado.

Apesar de saber que é assim, impressiona-me sempre a maneira como muitas pessoas que não sentem qualquer afinidade íntima com os animais se recusam a tentar sequer compreender uma tal afinidade. Eu próprio só percebi o que são os animais passada já metade da minha vida. Lembro-me de que, quando chorei pela primeira vez a morte de um cão, não conseguia acreditar que tal dor fosse possível, pensei estar a enganar-me a mim mesmo, a chorar por outra razão qualquer que corporizava no cão que acabava de morrer. Mas percebi que não, percebi que dói muito a morte de quem amamos e que os animais são como nós, somos nós. Esta experiência é irreversível. Não há retorno para quem foi tocado por ela, como não há possível fuga à paixão para quem um dia se apaixonou.

É normal, portanto, que os outros não nos percebam, a nós que gostamos de animais, mas inquieta-me a recusa obstinada que por vezes entrevejo nessa falta de entendimento. Suponho que aquilo que a provoca é a nossa suave arrogância. Sentimo-nos moralmente superiores e por vezes deixamos consciente ou inconscientemente que os humanos que não são como nós suspeitem de que é isso que sentimos.

MUS MUSCULUS BREVIROSTRIS

Para este problema não consigo encontrar resposta. Sinto-me de facto moralmente superior a quem não gosta de animais ou a quem lhes é indiferente. Posso começar a tentar explicar um dos aspectos desse sentimento de superioridade com a famosa frase do revolucionário francês Saint-Just pronunciada em 1794: «A felicidade é uma ideia nova na Europa.» Saint-Just referia-se evidentemente não ao sentimento de felicidade, mas à ideia — então de facto nova — de que é possível aos humanos serem felizes nesta vida e não apenas junto a Deus, depois da morte, e que essa possibilidade cria um direito: o direito a ter condições para se ser feliz. Ninguém tem naturalmente a ilusão de que os homens serão alguma vez felizes. Desde que não padeçam de doença, fome, frio, podem, quando muito, ter momentos de felicidade. Um bebé humano pode até ser continuamente feliz, mas acaba por chegar o momento em que a lei lhe impõe os seus interditos. Há nos humanos um desequilíbrio congénito que se exprime numa insatisfação que não é constante mas é frequente.

Ora, não sucede isto com os animais. Se os alimentarmos, se lhes dermos abrigo, espaço e companhia, se lhes cuidarmos da saúde, se os amarmos, eles são felizes, esfusiantemente felizes, sempre. A infelicidade é a excepção na vida dos animais amados, e não, como no caso dos humanos, a regra. Isto quer dizer que nós, que partilhamos a experiência irreversível do gosto pelos animais, conseguimos por vezes trazer a felicidade absoluta a algumas criaturas deste planeta.

A felicidade dos animais ainda é uma ideia nova na Terra. Estamos a tentar explicá-la e impô-la. Pedimos desculpa pelo incómodo causado.

Tenho armadilhas muito engenhosas em dois ou três sítios estratégicos da minha casa: são caixas compridas de madeira de secção rectangular mais pequena de um lado que do outro. Este último está fechado por uma grade. O outro é irresistível para todos os bichos que querem entrar onde não são bem-vindos sem dar muito nas vistas: é uma rampa que deixa ver, lá ao fundo, a outra abertura. O animal entra pata ante pata. Mas, mal passa o meio da rampa, esta bascula para a frente, um pequeno tripé de arame desce por debaixo dela e o animal fica preso: à frente a grade, atrás a caixa fechada. Lixou-se.

Quando chove demasiado ou demasiado pouco, os ratinhos do campo tentam procurar tecto e mesa lá em casa e encontramos por vezes um deles preso dentro de uma das caixas. Levamos a armadilha para longe e deixamos cair o ratinho. Fica estupefacto, ergue para nós o focinho esperto e desaparece como um raio no meio das ervas. Houve uma altura em que os apanhávamos quase dia sim, dia não: começámos a chamar-lhes Filipinhos (Filipe I, Filipe II, Filipe III, Filipe IV).

O ratinho do campo é o *Mus musculus brevirostris*, o célebre camundongo dos desenhos animados falados em brasileiro que, com a sua pequena dimensão, agilidade, esperteza e grandes orelhas, inspirou as figuras do Rato Mickey e do Jerry do par Tom & Jerry.

SABONETES DE PEDRA

Em minha casa há cães, aranhas, lagartixas, desapareceu há pouco tempo para parte incerta um sardão verde-Sporting a quem chamávamos Lacerda para lhe aporuguesar o nome científico (*Lacerda lepida*), viveu à saída da porta um imenso sapo que parecia uma miniatura de Jabba the Hut e que, ao deslocar-se, fazia um som mole e pesado (rruuuduuffl) que deu origem ao nome que lhe demos: Rodolfo.

Todos estes animais apresentam problemas de convívio com os humanos e estou certo que sentem exactamente o mesmo, com excepção dos cães, que são a nossa espécie simbiótica.

O problema com os ratinhos é complexo. Não faz qualquer diferença que levem as migalhas caídas no chão e irrite um dos meus cães, o macho, quando este os consegue ver a esgueirarem-se velozmente entre móveis. As duas cadelas, pelo contrário, observam com infinita paciência as manobras tácticas dos bichitos para escapar aos terríveis perigos que imaginam existir em minha casa. Uma delas olha-os placidamente, a outra com uma certa curiosidade etnográfica. O problema é que os ratinhos se reproduzem, como todos os animais excepto os europeus, e para isso têm de fazer ninhos em recantos escondidos da casa. O material de construção civil que escolhem é frequentemente o recheio dos sofás ou as páginas dos livros. Com a diminuição do tamanho e do sentido dos livros posso eu bem, porque tudo isso está de qualquer maneira destinado aos ratos apropriadamente ditos «de biblioteca». Os móveis já me chateiam um bocado e é portanto essencialmente em nome da posição sentada, na qual culminam milhões de anos de evolução humana, que apanhamos e afastamos de casa os ratinhos do campo.

Há algumas semanas, desconhecidos assaltaram o canil municipal de Coimbra, tendo desaparecido todos os cães que estavam presos nessas celas da morte. Fiquei contentíssimo e com pena de não ter feito parte do grupo de assaltantes. Depois, as minhas ilusões acerca da humanidade sofreram mais um rude golpe: diz-se que os desconhecidos levaram os animais para os utilizar em combate, ataçando contra eles os cães que treinam para matar.

Quando julgava estar perante libertadores de animais, a questão de estes terem violado a lei não me preocupou nem um bocadinho. Em geral, deve dizer-se, estou-me nas tintas para a lei. Mais ainda neste caso. O grego Plutarco foi mais longe que Cristo, sustentando há dois mil anos que o domínio da bondade é mais vasto que o da justiça e da lei e que há uma comunidade mais fundamental e mais larga que a *polis*, baseada numa lei não escrita, a da piedade. Em nome da piedade e da vida tudo é legítimo, desde que não se usem os meios de modo a contradizer os fins.

Plutarco pertencia a uma comunidade onde havia escravos, ou seja, onde muitos seres humanos eram, como os animais, vítimas de uma crueldade impensada, não criticada, inconsciente. Os escravos estavam fora da *polis* tal como sucedeu, em várias sociedades históricas, com as mulheres, as crianças, os pretos. Muitos destes seres humano só ganharam direito à vida desde o

cristianismo, e direito à lei desde a Revolução Francesa. Muitos seres humanos — a maioria? — só são seres humanos há muito pouco tempo.

Passo frequentemente por camiões que têm escrito atrás uma frase terrível: «transporte de animais vivos». Vejo porcos, ovelhas, vitelos, apertados uns contra os outros. Sei que vão ser desembarcados num sítio que cheira a morte. Baixam-lhes as portas do camião e o terror invade-lhes os olhos. Choram, escoicincham, tentam fugir. Seres humanos com rostos de gelo empurram-nos para máquinas de matar.

Pergunto-me que efeito teria um carro funerário com a inscrição «transporte de pessoas mortas». Ou uma carrinha de escola ostentando «crias vivas de *Homo sapiens*». Uma das histórias que mais me impressionam desde que me lembro de ter memória — não sei se verdadeira — é a dos sabonetes de pedra. Conta a história que nos campos de extermínio de infra-humanos (*untermenschen*) dos anos de 1943-45, os exterminadores, por razões de eficiência operacional, acalmavam as vítimas à entrada das câmaras de gás distribuindo-lhes sabonetes de pedra, de modo a convencê-las de que iam tomar banho.

O que mais me aterroriza é que houve pessoas que tiveram de pensar nisto, debater o assunto numa reunião, encaminhar a encomenda para um fabricante, aprovar um protótipo, receber caixotes cheios de sabonetes de pedra. A minúcia posta na fabricação dos sabonetes de pedra é uma demonstração fria de que os exterminadores não sentiam qualquer empatia, qualquer piedade, relativamente aos *untermenschen* que exterminavam. Naturalmente porque não os consideravam da sua espécie.

Espero que se perceba que não há réstia de demagogia na comparação que sugiro. Existem certamente caçadores, empregados

de canis e matadouros, guardas de campos de concentração e criminosos de guerra que são compassivos. Mas parará a piedade nas fronteiras da espécie como parava nas fronteiras do género, da raça, do estatuto legal? Todos conhecemos pessoas que não gostam de seres humanos mas gostam de animais. Mas não há ninguém que, sendo cruel para animais, possa verdadeiramente gostar de pessoas.

Quando os defensores dos animais nos pedem para deixarmos de comer carne e deixarmos de maltratar animais, é à nossa piedade que apelam. Não só pelos animais, claro. Pela criança que não pode perceber o que lhe fazem, o velhote sufocado debaixo dos escombros de uma guerra incompreensível, o vitelo que cheira ao longe a pestilência do matadouro, a rola mal ferida que nunca chegará ao ninho.

PS: A referência a Plutarco provém de um dos mais apaixonantes livros que já li. Foi escrito pela filósofa francesa Elisabeth de Fontenay, chama-se *Le silence des bêtes. La philosophie à l'épreuve de l'animalité* e foi publicado em 1998. Não há tradução portuguesa.



OURO E CINZA

foi composto em caracteres Hoefler Text
e Garage, e impresso na Guide, Artes
Gráficas, em papel Coral Book
de 80 gramas, no mês
de Junho de
2014.

